

PARA UMA RECONSTITUIÇÃO DO MUNDO FUNERÁRIO ALTO-MEDIEVAL DO CONCELHO DE CASCAIS (SÉCULOS VI-VII)

Catarina Meira¹

Resumo:

O presente artigo aborda as práticas funerárias alto-medievais no concelho de Cascais (Lisboa, Portugal). Aqui apresentam-se os dados resultantes de trabalhos de prospeção e da análise de fontes bibliográficas de cinco necrópoles, os quais integram as principais problemáticas dos estudos de Arqueologia Funerária. Assim, são tratados os fatores de implantação paisagística destes sítios, as suas formas de organização interna e os distintos modos de construção das sepulturas que constituem estes espaços. Além disso, apresentam-se os resultados do estudo antropológico preliminar de quatro coleções osteológicas e da análise do espólio cerâmico e metálico com a finalidade de demonstrar a sua relevância na condução dos rituais funerários.

Palavras-chave: Arqueologia; Alta Idade Média; sepulturas

Abstract:

The present article approaches the Early Medieval funerary practices developed in the municipality of Cascais (Lisbon, Portugal). It will be presented the data resulted from field survey and from the analysis of bibliographic sources of five necropolis, integrating here the main problems of Funerary Archaeology studies. Therefore it is addressed the factors of landscape implantation of these sites, their internal layouts and the diverse constructive types of graves that constituted these spaces. Moreover it is shown the results of the preliminary anthropologic study of four osteological collections and the analysis of the ceramic and metallic assets to demonstrate their relevance in the funerary rituals' development.

Key -words: Archaeology; Early Middle Ages; graves

¹ (IEM / FCSH-NOVA).catarinabmeira@gmail.com

1. Enquadramento e metodologias de análise

Este artigo resulta da investigação desenvolvida no âmbito da Dissertação de Mestrado intitulada “As Necrópoles Alto-Medievais do Concelho de Cascais (Séculos VI e VII)” apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2015. O principal objetivo foi o de estudar as práticas funerárias levadas a cabo depois da queda do Império Romano do Ocidente nessa região administrativa nas suas diversas componentes, nomeadamente nas formas de implantação geográficas das necrópoles, nos modos como as sepulturas se distribuem nos espaços funerários e na diversidade tipológica dos sepulcros. Neste sentido, os dados aqui coligidos reportam-se ao estudo das necrópoles de Alcoitão, Casais Velhos, Abuxarda, Murches e Grutas do Poço Velho.

Os trabalhos realizados centraram-se na informação bibliográfica disponível e no levantamento arqueológico de duas das cinco necrópoles, visto que apenas Alcoitão e Casais Velhos conservam estruturas arqueológicas.

Com a ajuda da antropóloga Raquel Granja foi levado a cabo o estudo preliminar das coleções osteológicas das necrópoles de Alcoitão, Abuxarda e Murches, depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, e de Casais Velhos no Museu Condes Castro Guimarães. Pretendeu-se apurar o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) por necrópole e por sepultura, de modo a perceber as dinâmicas de deposição funerária, nomeadamente a frequência da reutilização dos sepulcros e a consequente seleção e disposição dos vários indivíduos dentro de uma sepultura.

Esta investigação englobou igualmente o estudo dos materiais arqueológicos exumados nas cinco necrópoles. Para a análise da cerâmica foram considerados critérios observados macroscopicamente, de modo a poder elaborar uma caracterização das produções cerâmicas com base em tecnologia, matérias-primas, análise formal e decorativa. Os critérios de classificação dos metais corresponderam essencialmente à sua função, caracterização física e atributos métricos.

2. Implantação geográfica das necrópoles

As necrópoles que integram o presente estudo situam-se, por norma, em lugares planos, ocupando plataformas pouco elevadas, apenas perturbadas por suaves declives que oscilam entre os 0 e os 25%. A altitude média dos locais eleitos varia entre os 66 e os 121 m; o caso das Grutas do Poço Velho é excepcional por se localizar abaixo da cota do solo urbanizado. À exceção da necrópole de Casais Velhos, que se fixou numa situação topográfica estratégica em relação ao areal do Guincho, as restantes encontram-se em pontos discretos na paisagem e não apresentam condições naturais de defesa. O pouco destaque espacial característico destas necrópoles pode constituir uma estratégia defensiva, uma vez que passam despercebidas na paisagem (TENTE e LOURENÇO, 1998).

Em termos geológicos, o calcário é a rocha predominante, mas registam-se ainda formações de outras rochas sedimentares como regatão, arenitos, pelitos, dolomitos e margas. Os solos onde se implantaram, de classe D ou E, são severamente limitados, caracterizando-se pela fraca capacidade agrícola. Constata-se igualmente que a maior parte das necrópoles se situa nas proximidades de ribeiras de carácter intermitente ou temporário, das quais não distam a mais de 1100 metros.

Assim, parece que o modelo de implantação das necrópoles alto-medievais é definido pela associação de sepulturas a locais discretos paisagisticamente e a áreas de fraco potencial para a agricultura, bem como à imediação a recursos hídricos. É bem possível que os fatores de implantação funerária fossem o próprio reflexo dos espaços ocupados em vida pelas comunidades, pelo que é razoável pensar que as necrópoles implantar-se-iam em áreas onde as comunidades não poderiam levar a cabo práticas de cultivo intensivas.

A observação de fragmentos de cerâmica comum ou de construção, de cronologia romana, à superfície nas imediações das sepulturas sugere a existência de estruturas habitacionais nas proximidades (TENTE, 2010). No caso em estudo, a presença de cerâmica de construção à superfície também leva a supor a proximidade com antigos sítios romanos, que, além de serem lugares em que se poderiam fixar com modos de ocupação distintos, constituiriam também uma fonte para a obtenção de materiais pétreos.

Também é provável que esses cemitérios se situassem junto a caminhos que permitissem o acesso aos espaços funerários. As vias de comunicação podem ter assumido um papel fundamental no momento de selecionar as áreas de implantação das necrópoles, até porque *“eran puntos por donde pasaban las gentes que componían el público al que se destinaba ese mensaje y que conocían quién o quiénes estaban allí enterrados”* (MARTÍN VISO, 2012: 174).

A proximidade a um centro de culto poderia representar uma condição para o desenvolvimento de atividades funerárias, além de significar uma maior proximidade a entidades sagradas e às suas relíquias, cuja crença levou à formação de enterramentos *ad sanctos* (MARTÍN VISO, 2014: 79-80). Para o caso em estudo, não existem quaisquer evidências arqueológicas que associem as necrópoles alto-medievais do concelho de Cascais a centros de culto. A presença de edifícios religiosos, quando os há, aparentam ter desempenhado um papel fundamental na gestão dos espaços funerários, nomeadamente na forma como se distribuíram as sepulturas.

a. Organização interna do espaço sepulcral

i. As sepulturas do sítio de Casais Velhos (Areia)

A planta do sítio de Casais Velhos indica-nos a existência de 8 sepulcros distribuídos por três locais de enterramento constituídos por duas a três sepulturas (Figura 1). Estas estão orientadas canonicamente Este-Oeste em conformidade com a crença no Dia do Juízo Final, em que os indivíduos, virados a Nascente, renasceriam enfrentando a Luz de Deus. Esta questão dos núcleos de enterramento, que correspondem a pequenos grupos de sepulturas (em número de duas ou três), tem sido interpretada como agrupamentos familiares (PRATA, 2012: 86). Familiares ou não, não é estranho pensar que seria uma atitude natural manter juntos na morte quem em vida partilhou algum tipo de laço e cujo reflexo arqueológico é a associação espacial entre sepulcros.

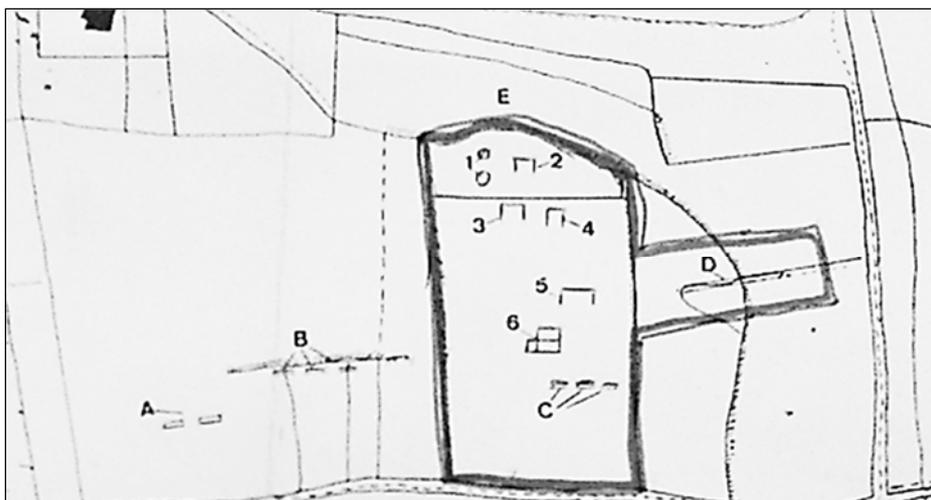


Fig. 6 - Planta de 1973 da estação arqueológica de Casais Velhos, à escala 1:2.000. A, B e C correspondem aos três núcleos de enterramento (Arquivo da Biblioteca de Arqueologia da DGPC)

Constatou-se igualmente que não existe uma separação física entre sepulturas que apresentem soluções arquitetónicas diferentes. A necrópole de Casais Velhos é sintomática deste aspeto, uma vez que no núcleo Oriental foram identificadas a pouca distância duas sepulturas de lajes e uma sepultura em fossa.

ii. *A necrópole de Alcoitão (Alcabideche)*

No caso da necrópole de Alcoitão parece ter havido um planeamento na disposição das sepulturas anterior à implantação das mesmas, conforme o tipo de cemitérios alinhados. As 34 sepulturas identificadas por F. Paula e Oliveira estavam dispostas em filas paralelas e todas invariavelmente com uma orientação Este-Oeste (OLIVEIRA, 1888-1892: 6), porventura até formando espaços de circulação entre elas (Figura 2).

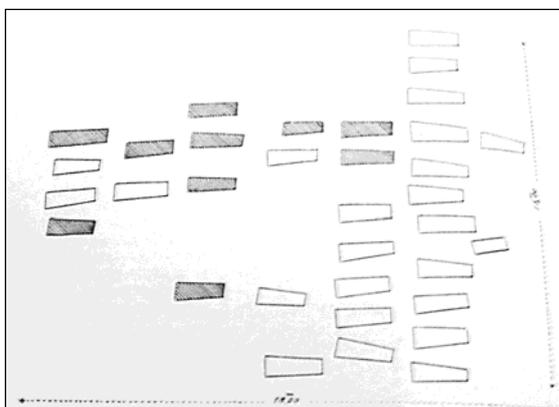


Fig. 7 - Planta da necrópole de Alcoitão. A negro as sepulturas que ainda mantinham lajes de cobertura (OLIVEIRA, 1888-1892, pl. I: fig. 1)

Parece ter existido, durante os séculos VI e VII, no conjunto das necrópoles cascalenses, uma vontade em manter uma proximidade espacial entre as sepulturas. O maior ou menor planeamento dos espaços funerários alto-medievais, como os do concelho de Cascais, é, segundo Martín Viso, resultado da maior ou menor intervenção por parte de um grupo dominante (MARTÍN VISO, 2012). A aparente desordem de alguns cemitérios pode ter sido originada pela ação de iniciativas comunitárias, ou de famílias ou de indivíduos, que catalisassem o poder da gestão desses espaços para si. Por outro lado, as necrópoles constituídas por sepulturas organizadas linearmente demonstram a presença de alguma estrutura de poder que gerisse e controlasse o espaço funerário, limitando ou anulando a tendência centrífuga dos grupos familiares.

b. Arquitetura funerária

O investimento empregue na elaboração de um sepulcro teve frequentemente a ver com a disponibilidade de materiais para o efeito. A variabilidade arquitetónica que se verifica nas sepulturas alto-medievais está intrinsecamente ligada às condições geográficas e geológicas do meio. A proximidade às formações cársicas de Maceira, Rodízio, Cresmina, Cabo Raso e Guincho, localizadas a ocidente do concelho de Cascais, poderá ter sido determinante para a obtenção da pedra com que se construíram várias sepulturas. A matéria-prima mais utilizada terá sido o calcário, por ser a rocha em maior abundância.

Respondendo a extração de pedra a uma estratégia que tencionava usufruir dos recursos disponíveis, não podemos descartar a possibilidade de se terem reutilizado materiais de construção oriundos de antigos sítios romanos. Os edifícios em ruína representariam uma fonte para a obtenção de lajes de pedra afeiçãoadas e de *tegulae* para colmatar as frestas entre os esteios.

Outro ponto cuja discussão tem sido cada vez mais tratada entre os investigadores é o eventual recurso a caixões ou padiolas de madeira para o acondicionamento dos defuntos nas fossas sepulcrais, ou até de suportes adicionais à cobertura pétreo (TENETE, 2010: 66). A existência de pregos de ferro e de bronze na necrópole de Casais Velhos sugere, de facto, a utilização de uma qualquer estrutura em madeira no interior das sepulturas que constituiria um duplo sistema de isolamento, de modo a evitar o contato entre o corpo e o solo. Além disso, serviria de leito durante as

cerimónias de exposição do defunto e para o seu transporte até ao lugar do seu enterramento (QUIRÓS CASTILLO, 2013: 283-284).

i. Sepulturas de lajes

A finalidade desta solução arquitetónica é a criação de uma caixa tumular ou cista estruturada através de blocos de pedra em número e dimensão variável, com o intuito de isolar o cadáver do terreno envolvente. A definição das paredes das sepulturas foi realizada através de lajes posicionadas verticalmente, pelo que esta tipologia apresenta grande coerência formal, por norma configurações retangulares ou trapezoidais, geralmente não antropomórficas.

São inúmeros os casos em que, dentro desta tipologia, são originadas diversas variantes, as quais resultam de diversos componentes estruturais aplicados na construção das sepulturas. Essas variantes resultam nomeadamente das diferentes formas de colmatar os intervalos entre os blocos de pedra (pequenos blocos de pedra, *tegulae*, barro ou argamassas feitas de cal e tijolo esmagado como se verificou em Alcoitão); do tratamento das paredes (revestimentos em argamassa ou em cal e areia); da preparação do fundo das cavidades sepulcrais recorrendo a ladrilhos (como em Casais Velhos), lajes ou *tegulae*.

No que às tampas concerne, verificou-se, em diversas necrópoles da mesma cronologia, a adoção de uma multiplicidade de alternativas para a elaboração das coberturas que não é exclusivo das sepulturas de lajes. Constatou-se nomeadamente a utilização de coberturas monolíticas ou de lajes em número variável; a utilização de *tegulae* apoiadas sobre as paredes das sepulturas, dispostas longitudinalmente de modo plano ou a duas águas; ou, até mesmo, a construção de tetos em falsa abóbada obtidos pela sobreposição de fileiras de ladrilhos (RIPOLL LÓPEZ, 1986).



Fig. 8 - Alcoitão. Sepultura 'A'



Fig. 9 - Casais Velhos. Duas sepulturas de lajes geminadas

ii. Sepulturas em fossa

As sepulturas deste tipo implicavam um investimento construtivo mais “económico”, uma vez que o espaço sepulcral se caracteriza pela escavação de uma simples cavidade de planta oval, retangular, trapezoidal ou irregular no solo.

Também as sepulturas em fossa revelam várias variantes, as quais podem passar pelas coberturas em *tegulae* dispostas longitudinalmente de forma plana ou a duas águas, ou com tampas formadas por um número de lajes variável. As descrições feitas pelos investigadores que identificaram as necrópoles em estudo indicam que a maior parte das sepulturas estariam cobertas por lajes pétreas: em Alcoitão as tampas seriam formadas por dois ou três esteios calcários não afeiçãoados (OLIVEIRA, 1888-1982: 6).



Fig.5 - Sepultura 3 de Alcoitão (CARDOSO e ENCARNANÇAÇÃO, 2001)

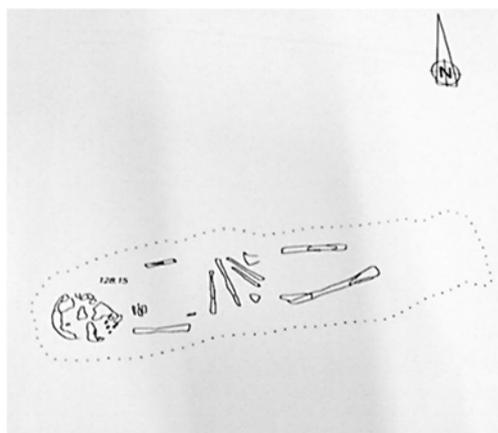


Fig. 6 - Sepultura 3 de Alcoitão. Desenho à escala 1:10 (CARDOSO e ENCARNANÇAÇÃO, 2001)

Nas Grutas do Poço Velho pode ter sido utilizada este tipo de solução construtiva, mas sem quaisquer sinais reconhecíveis de rituais funerários. Assumindo que terá existido aí uma ou mais inumações datadas da Alta Idade Média, devido ao aparecimento de uma placa de cinturão liriforme, este sítio poderá refletir uma situação de enterramento extra-cemeterial, destinado ao isolamento no interior desta gruta. Como em La Garma (Cantábria), pode-se ter aproveitado o relevo natural da cavidade para delimitar o espaço dos enterramentos, ou então depositando-se os indivíduos diretamente sobre o solo da cavidade. Normalmente procuravam-se espaços relativamente reduzidos ou escondidos, entre estalagmites ou junto às paredes (HIERRO GÁRATE, 2011).

c. Paleodemografia

O material osteológico que integrou este estudo é procedente de 31 sepulturas da necrópole de Alcoitão, de 7 sepulturas de Murches e de um número indeterminado de sepulturas de Casais Velhos e da Abuxarda. O estudo antropológico preliminar, que contou com o contributo da antropóloga Raquel Granja, foi realizado com o intuito de apurar o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) por necrópole e por sepultura, bem como o de elaborar uma caracterização básica da idade e sexo dos indivíduos enterrados em cada um dos cemitérios.

Assim, foi obtido um NMI total de 125 indivíduos. Verificou-se que uma grande maioria dos indivíduos eram maduros, havendo maior frequência de indivíduos do sexo masculino do que de indivíduos do sexo feminino (Tabela 1).

TABELA 1 - NMI E NÚMERO DE INDIVÍDUOS POR IDADE

Necrópole	Número Mínimo de Indivíduos (NMI)	Indivíduos maduros	Indivíduos imaturos	Indivíduos de idade indeterminada
Alcoitão	74	45	28	1
Casais Velhos	29	18	11	-
Murches	20	15	5	-
Abuxarda	2	1	1	-

O registo antropológico aponta para uma realidade funerária em que não existiria qualquer intencionalidade em diferenciar os indivíduos inumados por género e/ou idade. Indivíduos do sexo feminino enterrar-se-iam juntamente com indivíduos do sexo masculino, circunstância que se constata também com indivíduos maduros e imaturos. Apenas para Alcoitão foi possível identificar ossos humanos que possam ter correspondido a sepulcros exclusivamente infantis, em número de seis. Estes corresponderiam a 19% do total de sepulturas dessa necrópole. A quantidade diminuta de sepulturas infantis pode levar-nos a supor a utilização de outras soluções de enterramento para as crianças, ou ainda pela eventualidade de serem enterradas com adultos numa mesma sepultura.

O estudo antropológico revelou uma tendência generalizada para a reutilização das sepulturas, uma vez que, nas necrópoles de Alcoitão e de Murches, mais de 70% das sepulturas seriam reaproveitadas para mais do que um enterramento. O fenómeno de reaproveitamento de sepulcros pode estar diretamente relacionado com o esforço económico empregue na construção de novas sepulturas. A reutilização de uma sepultura já existente representaria uma solução mais barata do que uma construção *ex novo*. Além disso, é verosímil que o enterramento de vários indivíduos numa mesma sepultura se relacione com as relações de parentesco entre os inumados, ou, pelo menos,

a existência de laços entre eles. Contudo, a eventual existência de jazigos familiares apenas poderia ser confirmada de forma inequívoca através de análises de ADN.

Como se desconhece a localização exata das sepulturas dentro dos espaços cemiteriais, não é possível verificar que essas sepulturas ocupavam um espaço concreto ou especial dentro da necrópole. Esta averiguação, pelas mesmas razões, também não é possível de aferir para as sepulturas exclusivamente infantis.

Em qualquer um dos casos estudados, foi impossível indicar se os restos humanos conservados corresponderiam a inumações primárias, reduções ou ossos soltos. Por outro lado, podemos considerar que os indivíduos aparentemente mais completos possam corresponder aos últimos enterramentos. Segundo as descrições publicadas (OLIVEIRA, 1888-1892), os indivíduos sepultar-se-iam em posição de decúbito dorsal, orientados Este-Oeste e virados a Nascente. Quando ocupavam uma sepultura anteriormente utilizada, os ossos das inumações mais antigas eram arrumados, obedecendo ou não a uma seleção prévia, ou eram removidos para o exterior da sepultura.

d. Os espólios funerários

i. Cerâmico

Das necrópoles alto-medievais de Alcoitão, da Abuxarda, de Casais Velhos e de Murches foram exumados um total de seis recipientes cerâmicos. O enterramento que se terá realizado nas Grutas do Poço Velho é o único no qual não terão sido recolhidos objetos cerâmicos. Na maior parte dos casos, não nos é permitido apontar a sepultura de proveniência dos espólios, à exceção de um dos jarros de Alcoitão que provém da Sepultura 2.





Fig. 7 – Jarros cerâmicos exumados nas necrópoles de Cascais

O conjunto cerâmico apresenta bastante uniformidade formal, porquanto estão presentes essencialmente seis jarros. Entre estes predomina a montagem das peças a torno, tendo-se observado indícios de modelação manual em dois exemplares que apresentavam bordos trilobados. As cozeduras das pastas são invariavelmente oxidantes, o que resultou que as peças apresentassem, na sua generalidade, superfícies em tons de castanho, castanho-avermelhado, alaranjado e também bege.

Todas as peças exibem pastas de compacidade média, de textura homogénea ou de textura arenosa. Apresentam densidades fracas a abundantes de elementos não-plásticos, observando-se macroscopicamente micas, feldspatos, quartzos e calcários. Verificou-se decoração nas superfícies exteriores dos bojos de dois dos exemplares, ostentando motivos em ziguezague delimitado por linhas paralelas incisadas ou simples linhas incisadas que formam caneluras.

Os bordos que subsistiram em três dos recipientes não apresentam grande variabilidade formal. Têm uma morfologia redonda, tendo dois deles uma configuração trilobada, e geralmente encontram-se orientados para o exterior. As peças possuem corpos globulares ou piriformes, e todas têm somente uma asa, de secção circular, trapezoidal ou retangular, orientada verticalmente em relação à peça. As extremidades inferiores das asas podem estar fixadas na parte superior do corpo ou numa zona medial do mesmo; as extremidades superiores arrancam normalmente dos bordos, à exceção de um jarro de Casais Velhos cuja asa arranca a meio do colo. Registam-se maioritariamente fundos planos, mas também uma peça com base em disco, outra com uma base ligeiramente convexa e outra com o fundo côncavo.

As formas fechadas com uma asa e bicos trilobados denunciam que estes recipientes estavam destinados a servir ou a conter líquidos, derivando de formas

produzidas a torno lento que datam entre a segunda metade do século VII e o século VIII d.C. (VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 1999). A cronologia destas cerâmicas é dada, mais do que por paralelos, pela sua associação a peças de adorno pessoal que são mais facilmente datadas tipologicamente (LÓPEZ REQUENA e BARROSO CABRERA, 1994: 47).

ii. Metálico

O conjunto do espólio metálico exumado é quantitativamente mais expressivo. São precisamente os objetos metálicos de indumentária e de adorno pessoal os que indicam a prática da inumação vestida, que se tornou comum a partir de meados do século IV d.C. na Península Ibérica (GONZÁLEZ VILLAESCUSA, 2001: 72). Este costume manteve-se de forma massiva até ao século VI, a partir do qual se verificou um progressivo despojamento material dos defuntos e a inumação envolta em simples sudários.

Na totalidade foram recolhidas 37 peças metálicas, entre as quais doze anéis, nove brincos, quatro fivelas, dois braceletes, dois apliques zoomórficos, duas placas de cinturão, um fuzilhão, quatro pregos e uma agulha. A adicionar ao espólio funerário, oito contas de colar em pasta vítrea e em âmbar. A procedência da maior parte destes objetos é de difícil aferição devido à inexistência de um registo de proveniência concreta.

Os espólios metálicos são os únicos elementos datantes dos enterramentos do concelho de Cascais, balizando-os cronologicamente entre finais do século V e as primeiras duas décadas do VIII d.C., o que demonstra a larga diacronia de utilização de algumas das necrópoles estudadas.

e. O ritual funerário

A formação destas necrópoles evidencia a prática da inumação que vinha sendo comum no Ocidente desde finais do século III. A sua prática reflete a influência de cultos orientais que sublinhavam a importância de manter a integridade dos corpos para uma vida depois da morte.

A orientação canónica Este-Oeste que se verificou para quase todas as necrópoles do concelho de Cascais prende-se com a crença no Dia do Juízo Final, o que revela não

só uma nova atitude perante o enterramento, mas também que a orientação canónica era conhecida e estava bem presente.

Um dos pontos mais problemáticos é a presença de espólio funerário no interior das sepulturas. As normas cristãs incitavam o despojamento material dos indivíduos na hora da morte, mas nota-se uma certa liberdade nas soluções adotadas pelos primeiros cristãos. Os rituais funerários seriam praticados no seio da comunidade e cuja condução era decidida pela família do defunto. Se por um lado, podemos pensar que os jarros cerâmicos indiciam o Batismo no momento da morte, há que considerar também que a presença de espólios no interior das sepulturas reflete a prevalência de antigos hábitos pagãos.

Conclui-se apenas que estas populações rurais encontravam-se efetivamente cristianizadas, mas a sua posição periférica em relação aos influxos culturais e religiosos da cidade (Lisboa), levou a que continuassem demasiado impregnadas pelos costumes ancestrais pagãos. Daí que tenham persistido hábitos antigos e que os rituais fúnebres se desenvolvessem segundo as regras de entidades mais restritas – as comunidades/famílias.

f. Sintetizando...

O estudo das necrópoles do concelho de Cascais (Lisboa) permitiu colocar novamente em discussão um conjunto de informações de carácter arqueológico que se davam como “arrumadas”.

Os dados que foram possíveis de coligir dão a ideia de um território onde as populações levaram a cabo rituais funerários nos quais se denotam arqueologicamente reminiscências de um Passado pagão. As necrópoles de inumação dos séculos VI e VII caracterizam-se pela diversidade arquitetónica das sepulturas, pela proximidade espacial entre elas respeitando uma orientação canónica Este-Oeste, pela presença de espólios funerários que acompanhavam os defuntos e pelo intenso reaproveitamento de sepulturas para uma sucessão de enterramentos.

Os resultados alcançados permitem, agora, começar a construir uma ideia do que terá sido morrer no concelho de Cascais entre os séculos VI e VII, apesar de os buracos de informação serem ainda consideráveis. Esta dissertação teve como intuito rever os

dados disponíveis das necrópoles cascalenses e permitir integrar este fenómeno funerário no processo histórico da sociedade rural alto-medieval portuguesa.

Espera-se ainda que este trabalho possa estimular estudos neste mesmo sentido que integrem metodologias interdisciplinares que propiciem novos dados e novas leituras de velhas necrópoles.

Bibliografia

GONZÁLEZ VILLAESCUSA, R. (2001) – *El mundo funerario romano en el País Valenciano: Monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. – VII d. de C.* Madrid/Alicante: Casa de Velázquez – Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”.

HIERRO GÁRATE, J. A. (2011) – *La utilización sepulcral de las cuevas en Época Visigoda: los casos de Las Penas, La Garma y el Portillo del Arenal (Cantabria).* Munibe Antropología-Arkeologia. N.º 62. Donostia, San Sebastián: Sociedad de Ciencias Aranzadi, 351-402.

LÓPEZ REQUENA, M. e BARROSO CABRERA, R. (1994) – La Necrópolis de la Dehesa de la Casa. Una aproximación al estudio de la época visigoda en la Provincia de Cuenca. *Arqueología Conquense*. N.º XII. Cuenca: Diputación Provincial de Cuenca.

MARTÍN VISO, I. (2012) – Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica. *Zephyrus: Revista de Prehistoria y Arqueología*. Vol. LXIX. Salamanca: Universidad de Salamanca, 165-187.

OLIVEIRA, F. P. e (1888-1892) – Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*. Tomo II. Lisboa: Academia Real das Ciências, 82-107.

PRATA, S. (2012) – *As necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (concelhos de Castelo de Vide e de Marvão)*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiada.

QUIRÓS CASTILLO, J. A. (ed.) (2013) – El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. *Arqueología del campesinato en el interior peninsular. Documentos de Arqueología Medieval* 6. Bilbao: Universidad del País Vasco.

RIPOLL LÓPEZ, G. (1986) – *La ocupación visigoda en época romana a través de sus necrópolis*. Tesis Doctoral presentada a la Universidad de Barcelona bajo la dirección del Profesor

Dr. Pere de Palol. Disponível em <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/42641> [Consultado a 9/6/2015].

TENTE, C. e LOURENÇO, S. (1998) – Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 1: N.º 2. Lisboa: IPA, 191-218.

TENTE, C. (2010) – *Arqueologia medieval cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/4804> [Consultada a 10/8/2015].

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (1999) – *Evolución de los morfotipos de cerámica común de un asentamiento rural visigodo de la Meseta (Gózquez de Arriba, San Martín de la Veja, Madrid)*. *Arqueohispania*. N.º 0. Disponível em https://www.academia.edu/1073812/Evoluci%C3%B3n_de_los_morfotipos_de_cer%C3%A1mica_com%C3%BAn_de_un_asentamiento_rural_visigodo_de_la_Meseta_G%C3%B3zquez_de_Arriba_San_Mart%C3%ADn_de_la_Vega_Madrid_ [Consultado a 5/6/2015].